



MESA-REDONDA 1: FLORESTAS, CULTURAS E SUSTENTABILIDADE

Entre veios e memórias: desafios decoloniais no estudo de madeiras históricas, seus valores culturais e espirituais

Érika Fernandes-Pinto^{1, 2}

Estudos sobre usos históricos das madeiras são reconhecidos como ferramentas relevantes para a salvaguarda do patrimônio natural e cultural. Ao revelar propriedades físico-químicas, técnicas construtivas e formas de manejo, essas pesquisas oferecem acesso a um legado material que atravessa os séculos. Para além das evidências técnicas, no entanto, as madeiras podem ser entendidas como um acervo vivo, um corpo que carrega histórias, cosmologias e memórias coletivas. Em um país de extraordinária diversidade biocultural, como o Brasil, igualmente marcado por profundas desigualdades históricas, as madeiras foram os primeiros elementos explorados no processo colonizador, inaugurando a lógica que se perpetuaria nas relações modernas com a natureza: a objetificação dos seus elementos. Contudo, diferentes povos e comunidades que habitaram e habitam esse território mantêm visões em que árvores e madeiras não são apenas matéria-prima: são presenças vivas, com agência, energia, ancestralidade e poder. Elas são parte de universos de pertencimento com sentidos e narrativas que ligam o visível ao invisível e desafiam as epistemologias ocidentais e suas dicotomias entre natureza e cultura, corpo e espírito, objeto e sujeito. A presente reflexão convida a ampliar o olhar para além das dimensões técnicas das madeiras, reconhecendo que seus valores residem também nas relações simbólicas, sociais e espirituais que as constituem. Propõe-se uma abordagem que valorize e integre os saberes de Povos e Comunidades Tradicionais sobre as florestas, as árvores, as madeiras e suas cosmologias. Para isso, no entanto, argumenta-se que é fundamental adotar uma *perspectiva decolonial*, capaz de denunciar a invisibilização histórica – ainda presente – desses grupos sociais na produção de conhecimento e na construção de políticas públicas voltadas à proteção ambiental e patrimonial. É preciso reconhecer a *colonialidade do saber* que ainda se faz sentir nos critérios de validação científica, nas normas técnicas de restauro, nos protocolos ambientais de manejo e nas políticas de conservação, que muitas vezes desconsideram as formas não-hegemônicas de conhecer, cuidar e se relacionar com o mundo vegetal. A dicotomia moderna entre natureza e cultura também se materializa em modelos de conservação que excluem a presença humana – o chamado paradigma da “conservação-fortaleza” – criminalizando práticas tradicionais e inviabilizando a sua perpetuação cultural. Superando essa lógica, o estudo das madeiras históricas pode se tornar um campo fértil de escuta e diálogo entre mundos, abrindo trilhas fascinantes que ajudem a compreender múltiplas relações entre natureza, cultura e espiritualidade. Incorporar esses referenciais, no entanto, exige mais do que *interdisciplinaridade* – exige *interseccionalidade* (reconhecendo os marcadores de raça, classe e gênero) e *interculturalidade*, como caminho para um diálogo respeitoso entre sistemas de

¹ Analista Ambiental, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

² E-mail para contato: erika.icmbio@gmail.com

conhecimento historicamente hierarquizados. Com isso, esses estudos podem se tornar aliados na construção de políticas públicas mais justas, que articulem a conservação da biodiversidade ao reconhecimento dos direitos territoriais e culturais de povos e comunidades tradicionais. Para tanto, é preciso tensionar os marcos normativos que ainda operam sob paradigmas excludentes, fomentar a formação de pesquisadores comprometidos com uma ciência plural e situada, e criar espaços de escuta, consulta e participação nos processos decisórios sobre uso, salvaguarda e manejo das madeiras. Em um contexto de crise ecológica global, em que a devastação florestal se intensifica e os conflitos socioambientais se aprofundam, torna-se urgente reconhecer formas alternativas de se relacionar com o mundo natural. Respostas puramente técnicas não são suficientes – precisamos, como sociedade, resgatar os vínculos éticos, simbólicos e espirituais com os seres da floresta. As madeiras históricas, em sua densidade física e metafórica, podem ser um canal para esse reencantamento, pois guardam histórias que não estão apenas em seus anéis de crescimento, mas nos corpos, nos cantos, nas memórias e nas lutas daqueles que as manejaram, protegeram e transformaram.

Palavras-chave: valores culturais, espiritualidade, reencantamento.